O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 35.º — N.º 1740

Sábado, 11 de Julho de 1942

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

A neutralidade não é cómoda nem barata

Mais uma frase de Salazar que tem de ser devidamente espalhada e claramente compreendida.

O sr. Presidente do Conselho, na sua clara exposição, há dias feita através da rádio, pôz à nossa inteligência tôda a série de problemas nacionais e internacionais, numa linguagem de verdade que o Mundo não está habituado a ouvir.

Nem só a guerra acarreta encargos e preocupações aos povos que nela estão envolvidos. A neutralidade, que também é um estado de guerra, igualmente impõe sacrifícios e responsabilidades, sobretudo àqueles que cumprem, com dignidade, o seu compromisso. Sucede isso com Portugal, país que é neutral e vítima da guerra.

O sr. Presidente do Conselho definiu perfeitamente essa posição perante os acontecimentos proclamando que *a neutralidade não é cómoda nem barata*, pois a nós tem obrigado a despesas que não existiriam se guerra não houvesse e também se de uma vez para sempre fôsse possível acreditar nas intenções dos beligerantes quanto à inviolabilidade das nações que estão fora do conflito e querem viver em paz.

E o sr. Presidente do Conselho explicou:

Por conveniência ou acidente quási não há hoje águas territoriais invioladas, ceu que não haja sido cortado em abusivos vôos, território imune de acções guerreiras. Nós pousamos em mares e continentes em que se batalha, encontramo-nos na confluência de grandes estradas do Mundo: impõe-se-nos a guarda custosa de certo número de pontos nevrálgicos. Não nos poupamos a esforços, sacrifícios e despesas e fazemo-lo sem cansaço nem arrependimento, com a ambição única de que os nossos soldados cumpram bem os seus deveres de sentinelas vigilantes.

E dando ainda a prova de que a neutralidade só é vantajosa quando serve o interêsse nacional no próprio interêsse das nações em guerra, Salazar aponta aos portugueses o seu dever de unidade e de constante coesão, para concluir:

O desejo de neutralidade não pode ser superior ao interêsse da Nação. E sendo tão sinceramente neutrais, como somos, julgo prudente que o nosso espírito não amoleça na ideia de se não bater.

Nestas palavras estão explicados os actos previdentes do Govêrno, a sua política de permanente apetrechamento interno, a preocupação dominante de cada vez mais nos bastarmos a nós próprios, fomentando a campanha de produzir e poupar, etc.

Ninguém sabe o dia de àmanhã. Por isso todos devemos tratar de nos prepararmos para as mais graves contingências, mesmo porque depois da guerra os malefícios da guerra continuam a corroer a economia das nações e conseqüentemente a vida dos povos.

T. V.

A FRUTA

Graças à Providência, temo-la êste ano com fartura, achando-se as árvores carregadinhas — ajoujadas.

Os que a apreciam começaram já a tirar a barriguinha de misérias...

Que lhes preste.

Uma verdade

Tens suportado muitas injustiças? Consola-te. O verdadeiro infeliz é o que as pratica — dizia, há dias, um colega nosso.

Também achamos. E não há nada como o tempo para corroborar esta máxima.

Praia interdita

Por três senhoras estrangeiras se terem ido banhar à praia de Santo Amaro de Oeiras em condições puníveis por lei, esteve a mesma interdita por alguns dias, à ordem do comando da Polícia Marítima, que julgou o caso e não transigiu em presença das explicações dos banheiros.

E' que, ainda que julguem que não, o decôro tem de ser respeitado.

O decôro e a decência. Já que não há vergonha.

GEOGRAFIA DE PORTUGAL

Acha-se em distribuição o fascículo 9.º da importante obra do sr. doutor Amorim Girão, lançada no mercado pela *Portucalense Editora.*

Continuamos a recomendá-la, como merece.

O CARRO ADIANTE DOS BOIS...

Nalgumas ilhas do arquipélago grego ainda existe o curioso costume de exercerem o direito de declararem as mulheres amor aos homens! Estes empregam-se quási exclusivamente na pesca das esponjas e quando uma rapariga deseja casar se espera até ter obtido do mar o número de esponjas correspondente aos anos que tem vivido. Depois, coloca-as numa rêde de seda que oferece ao seu predilecto. Se, porém, êle recusar serão deminutíssimas as probabilidades de encontrar outra noiva porque, em geral, tôdas as suas patrícias lhe fogem por castigo.

E é bem feito. A não ser que se trate de algum camafeu...

Á Câmara

Chamamos a sua atenção para a falta de água no cemitério novo, tão necessária aos que ali costumam ir colocar flôres sôbre as campas dos entes queridos.

Deve ser motivada por alguma fuga ou rotura na canalização.

Dr. Angelo da Fonseca

—x—

Está de luto a ciência médico-cirúrgica pela morte, na terça-feira de madrugada, do ilustre professor da Faculdade de Medicina e director dos Hospitais da Universidade de Coimbra, que tanto honrou com as fulgurações do seu espírito e do seu talento.

Era o finado natural do nosso distrito, pois nasceu no Couto de Cucujães a 12 de Dezembro de 1872, recebendo, porém, o corpo sepultura em Ancede (Douro), para onde foi conduzido na quarta-feira em auto-fúnerário depois de Coimbra lhe ter prestado a sua homenagem.

ABUNDÂNCIA DE BATATA

Ela aí está. Um pouquinho puxada no preço, mas como nada, hoje em dia, é barato, tolera-se porque o lavrador também tem direito à vida...

Ou não?

Biblioteca João Grave

E' àmanhã, pelas 16 horas, que se realiza, em Vagos, a homenagem do povo do concelho e do seu município, à memória do consagrado romancista que tanto honrou a terra onde nasceu e a cuja cerimónia deve presidir o sr. D. João de Lima Vidal, arcebispo-bispo de Aveiro.

Serão oradores, além dêste prelado, os srs. dr. Frederico de Moura e o professor catedrático dr. Mendes Correia. A apresentação será feita pelo sr. dr. Manuel Martins Lavajo, presidente da Câmara de Vagos, e o sr. António Duarte da Rocha Vidal proferirá duas palavras sôbre homens ilustres daquela terra.

A viuva do finado, sr.ª D. Lucília Augusta de Sousa Maia Aranha Grave, pintora muito distinta, é quem descerra o medalhão de seu marido, belíssimo trabalho do escultor Romão Júnior, devendo o sr. dr. André dos Reis ler uma poesia alusiva ao acto.

Conta-se que também honrem a inauguração da Biblioteca de João Grave com a sua presença, os srs. dr. Artur de Magalhãis Bastos, director dos Serviços Culturais e Sociais da Câmara do Pôrto; Joaquim Costa, sucessor de João Grave no alto cargo de Director da Biblioteca Municipal da mesma cidade; dr. Mário Esteves; coronel Carlos Alberto da Costa; as famílias Lelo, Mendes Correia, Castro Lopes, Cunha Reis, Monteiro de Andrade e bem assim as entidades oficiais de Aveiro e Ilhavo.

A recepção aos convidados será feita pela Câmara, funcionalismo público, bombeiros, Legião Portuguesa e uma banda de música.

O Democrata far-se-á representar.

Serviço dos correios

A criação duma estação urbana para descongestionar o movimento da nossa central, impõe-se por ser de inteira necessidade.

Além disso, ficando o novo edifício um pouco deslocado do centro da cidade é justo que se atendam os interêsses da outra parte, compreendida pela freguesia de Esgueira, bairro de Sá, Largo da Estação e imediações.

Em nome da cidade, apelamos, de novo, para a Administração Geral, no sentido de ser remediada a falta o mais depressa possível.

Parque da Curia

Recebemos e agradecemos à Sociedade das Águas da Curia o bilhete de livre trânsito oferecido a êste jornal para a presente época.

Quem acode à Pequena Imprensa?

Foi êste jornal um dos primeiros a lançar a pregunta quando tudo que nos é indispensável começou a subir, afectando extraordinàriamente as respectivas administrações. E é ainda êste jornal que a repete no momento em que se fala em novo aumento do preço do papel e depois da Administração Geral dos Correios nos ter onerado com encargos asfixiantes.

A nossa vida é difícil, mesmo muito difícil.

Sem outras receitas a não serem as da assinatura e dos anúncios, com despezas a atingirem as alturas do inconcebível, completamente desacompanhados do mais insignificante auxílio material, antes pelo contrário, tudo a sobrecarregar-nos, hão-de concordar que só um grande amor ao jornal e a esta terra, a que tanto queremos, concorre para que o *Democrata* ainda se mantenha no equilíbrio e façamos os maiores esforços para continuar a publicar-se.

Mas tudo tem limites. Dar-lhe trabalho e dinheiro, não, que é muito. De aí a necessidade de aproveitarmos tôda a espécie de publicidade que seja paga, que contribua para o aumento da receita, que seja susceptível de evitar o mais insignificante *déficit.*

O Democrata, como quási todos os jornais de província, vive em crítica situação, em precárias circunstâncias. Ontem, foram as perseguições dos adversários, dos inimigos, que lhe levaram dezenas de contos; hoje, é o que se sabe e que, tendo tendência para um agravamento ainda maior, nos coloca quási à beira do abismo. Precisamos, portanto, de aproveitar tudo que constitua receita para nos agüentarmos no balanço dêste mar encapelado, visto doutra forma ser impossível viver.

O produto da assinatura, só, é pouco; basta a tipografia e o papel para o consumir. Se a publicidade não contribuir com o restante, estamos perdidos. Nós e todos os colegas nas mesmas condições.

Quem acode à Pequena Imprensa?

Cartas a uma amiga de longe

Julho, 1942

Minha amiga:

A Direcção do *S. C. Beira-Mar* resolveu, êste ano, deleitar os seus sócios, de vez enquando, com conferências de temas variadíssimos. Inaugurou-as o snr. Bispo que, com a sua eloqüência de sempre, a sua graça e simplicidade, falou sôbre missões de Angola. A S. Ex.ª Reverendíssima, outros oradores se seguiram e, por fim, para encerrar o ciclo de conferências dêste ano, deslocou-se a Aveiro a distinta redactora do *Janeiro*, D. Marta Mesquita da Câmara. A conferência desta senhora, cujo tema foi *Uma portuguesa que reinou em Londres*, agradou. E sabes? Achei graça à coïncidência, pois muito pouco tempo antes tinham-me falado dum trabalho muito curioso da autoria de D. Virgínia Rau, publicado no *Instituto* e também sôbre a princesa Catarina de Bragança, a *Triste-Feia*, que foi rainha de Inglaterra.

No final do seu trabalho literário, D. Marta Mesquita da Câmara recitou lindamente poesias da sua autoria, que muito deleitaram a assistência.

Mas, é claro, a sala do *Beira-Mar* estava repleta e as pessoas que ali estiveram a escutar a conferente não pensavam, nem sentiam tôdas da mesma maneira. Isso seria ideal e como todos os ideais quási impossível de alcançar. Eu comparo a crítica a um canhão de longo alcance—permite-me a comparação e leva-a em conta do ambiente bélico em que vivemos. O alvo dêsse canhão é a conferente e êle começa a troar, quando ela acaba o seu trabalho.

Como esta e tôdas as cartas que te escrevo vão abertas, era melhor nem te dizer que um jornal da terra, segundo me disseram, critica desfavoràvelmente a conferente de há dias. A crítica é livre e há tantas interpretações diferentes... Tôdas elas dependem, no entanto, das intenções e da boa ou má fé de cada um... Só é de lamentar, porém, que haja pessoas sempre prontas a interpretar desfavoràvelmente quem só teve em vista ser agradável e distrair espiritualmente.

Acho muito bem que cada um diga o que pensa, com verdade e com justiça, seja contra quem fôr. Mas o que exijo é que o faça com educação, sem nunca tirar, nem sujar a *luva branca*. Criticar, sim, mas com elegância, com diplomacia e com gentileza e, se puder ser, com um bocadinho de espírito e... de inteligência...

Um abraço da

Zèmi

Tanta corvina!

Na praia de Pedrogão houve uma *xavega* que arrancou do mar, esta semana, tanto como 1.400 corvinas, que pesavam entre 7 e 10 quilos.

Bom lanço. E felizes os que dele puderam compartilhar.

CONCÊRTO MUSICAL

Fez-se ouvir, na quarta-feira, à noite, no Rossio, a Banda do Corpo de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, que ali atraiu alguma gente.

As outras, da cidade, seguir-se-ão nas futuras semanas.

O pescado

Diz o nosso colega *A Aurora do Lima*, de Viana do Castelo, que tem sido regular o peixe trazido para terra pelos pescadores lá da Ribeira, mas que, no entanto, o preço dos congros e dos badejos é ainda bastante puxado.

Ai, o badejo do Minho! Como é apetitoso e nos faz nascer água na bôca!...

Olhe, colega: nós nunca achamos caro o que nos sabe bem...

Falta de luz

Há perto de um mês que, aqui, em frente à Redacção, uma lâmpada não dá luz.

É muito...

IMPRENSA

Gazeta de Coimbra

Festejou—não é bem assim, porque a imprensa não pode, hoje, festejar aniversários — registou mais um ano na sua existência o colega conimbricense que tem o título da epígrafe e é dirigido pelo velho João Arrobas, com a colaboração de seus filhos Augusto e Diamantino Ribeiro Arrobas.

E' o jornal mais antigo da cidade universitária; aquêle, portanto, que vai à frente na prestação de serviços à terra das arrufadas e das lindas tricanas, onde o rouxinol canta nos salgueirais, junto ao Mondego, e a sua população, amiga de Aveiro, conquistou a nossa simpatia desde os remotos tempos que por lá andámos de livros debaixo do braço, com ela convivemos é do seu generoso acolhimento trouxemos as gratas lembranças que ainda hoje perduram transformadas em saüdade.

Coimbra! Coimbra! E não havemos de rejubilar com a existência dos seus órgãos, que lêmos àvidamente, sofregamente, quando nos chegam pejados de interessante leitura sôbre tudo que lhe diz respeito!

Aqui tem a *Gazeta* a prova de quanto a passagem de mais um aniversário se faz sentir no nosso espírito. Receba, por isso, cordeais parabens com cumprimentos afectuosos a todos os colaboradores.

O Mundo Português

Publicou-se o n.º 101 desta revista que trata quási exclusivamente de assuntos coloniais sob a direcção do sr. dr. Augusto Cunha.

E' correspondente ao mês de Maio.

Á MARGEM DA GUERRA

SOLDADO DAS TROPAS INDIANAS—QUE DESDE O PRINCÍPIO DA GUERRA COMBATEM AO LADO DA INGLATERRA—DOMINA, COM BRAVURA, A BRAVURA DA MULA

Dez anos de govêrno

—o—

No passado dia 5 completaram-se 10 anos sôbre a ascensão de Salazar à chefia do Govêrno da Nação. O que representam êsses 10 anos de trabalho, de sacrifícios, de inteira e total dedicação ao interêsse do país—todos o sabem e todos o sentem: a superior orientação da política portuguesa tem marcado uma linha segura de marcha que nem as dificuldades nem as perturbações, causadas pelo estado de guerra, conseguiram desviar.

São 10 anos de realizações—em todos os campos—que documentam largamente e para sempre as altas qualidades de um Chefe. A melhor forma de agradecermos o Homem providencial que temos à frente dos destinos da nação é ainda trabalharmos cada vez mais e com maior afinco no cumprimento das directrizes marcadas para o pleno rendimento de tôdas as actividades e engrandecimento do país.

BAILE

Realiza-se hoje à noite no *Club dos Galitos*. E a avaliar pelo entusiasmo que se nota entre os freqüentadores daquela casa de recreio, sem excluir o elemento feminino, que costuma tomar parte nestas diversões, o salão deve regorgitar de pares dançantes que se movimentarão ao som do *Vista Alegre Jazz*, contratado para o abrilhantar.

Aos organizadores, que o cognominaram de *Sonho ao Luar*, agradecemos a gentileza do convite.

Sal novo

Começou a aflorar nas nossas marinhas, sinal de que a produção se iniciou sob os melhores auspícios.

Depende, agora, que o tempo a não prejudique.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: amanhã, a sr.ª D. Rosa Vinagre Migueis, esposa do sr. Arlindo de Almeida e Silva, chefe de conservação de Estradas em Miranda do Douro, e o filho Armando, do sr. tenente Joaquim de Matos; no dia 14, os srs. Firmino Fernandes, 1.º comandante dos Bombeiros Voluntários, e Rui Vieira da Costa; em 15, o sr. João Marques, sócio dos Armazens de Aveiro, L.da, e o menino Manuel Morais, filho do sr. Alvaro Morais, da firma Belo & Morais; *em 16, o sr. Gustavo Duarte Moreira e a interessante Maria Eneida, filha do sr. Fernando Amaral, 2.º sargento de Infantaria 10, actualmente nos Açôres, e em 17, o sr. Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa.*

Partidas e Chegadas

Partiu para Paredes do Coura, acompanhado de seu pai, o sr. Joaquim Dias Abrantes, a sr.ª D. Armanda da Maia Abrantes Saraiva, dedicada esposa do tenente de engenharia sr. José Salvato Bizarro Saraiva, que no Minho se encontra a fazer serviço da sua especialidade.

—Encontra-se entre nós, a passar algum tempo, o sr. António Coelho, residente na capital.

—Também aqui estiveram os srs. António Moreira, das caves do Barrocão, e esposa; Manuel Cação Gaspar, actualmente em Penafiel, e José Luís de Oliveira, de Sernancelhe.

Praias e termas

Estão na Costa Nova os srs. João Belo, da firma Belo & Morais; *Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria 10, e António Dionísio, de Vagos; e em S. Jacinto, o sr. Joaquim de Macêdo Vieira, do Porto, e respectivas famílias.*

Albergue de Mendicidade

A Comissão Administrativa do Albergue, por medida económica de inútil encarecimento, resolveu fazer em regimen de administração directo tôdas as obras de adaptação no edifício destinado aos indigentes.

Da orientação técnica, generosamente se encarregou o sr. Francisco Duarte que, ao primeiro apêlo, pôs nobre e desinteressadamente ao serviço da causa dos pobres, a sua competência, zêlo e saber.

No agitado labor da sua vida profissional, o desejo de cooperar na obra que acima de tudo é de Aveiro, soube encontrar ânimo para dar ao Albergue o carinho que lhe dedica.

A sua isenção e boa vontade é credora de muito reconhecimento.

Igual sentimento de bairrismo, aliado ao espírito de bem fazer, moveu a sr.ª D. Severiana Pereira Campos, os srs. Jerónimo Pereira Campos, e a Emprêza Cerâmica do Vouga a oferecerem ao Albergue todos os materiais da sua indústria necessários às obras.

Dádiva de excepcional valia, reflexo eloqüente do nobre coração de quem, tão magnanimamente vem em auxílio dos infelizes sem lar.

Também a firma Vieira & Roque quiz dar ao Albergue contributo imprescindível e de muito valor, pondo à disposição da Comissão Administrativa as caminhetas que possui sempre que delas haja necessidade.

A ajuda dos srs. Vieira & Roque mais é de realçar e agradecer, agora, que a indústria de transportes padece de tanta dificuldade.

L. de A.

TRANSPORTE . . .	1.732$00
João Luiz Rezende, relojoeiro	2$50
D. Aurelina Sucena e Graça	1$50
D. Otília de Lemos, professora aposentada . . .	1$50
Manuel Clemente da Costa, comerciante	2$00
João Teixeira Bastos, proprietário	2$50
Joaquim José Santana, empregado bancário . . .	2$50
Francisco de Matos, guarda da P. S. P.	1$00
Aurélio Duarte, 2.º sargento de cavalaria	2$50
António Maria, 1.º sargento reformado	1$50
João Vicente Ferreira Júnior, serralheiro	1$50
Fernando Eduardo Antunes, fncionário da Caixa Geral de Depósitos	2$50
José de Oliveira Duarte, funcionário público. . . .	2$50
Miguel Teixeira Lopes, emp.º dos correios aposentado .	1$50
D. Judith Lopes Brandão de Pinho	1$00
D. Ofélia Andias Vieira, professora.	2$00
José Maria da Silva Vera-Cruz, marceneiro	4$00
António Andrade, gerente comercial	1$00
D. Margarida Apresentação Costa e Silva.	5$00
Dr. Manuel Pereira da Cruz, médico	5$00
José Martins, entalhador . .	5$00
António da Maia Mendonça, oficial do Exército . . .	5$00
Manuel da Silva Pais Júnior, empregado bancário. . .	5$00
Dr. Armando R. Simões, médico	5$00
José Pinto da Silva, empregado de mêsa	1$50
José Pedro Ferreira, sapateiro	2$00
A TRANSPORTAR.	1.799$00

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Correspondências

Oliveirinha, 9

Ante-ontem de tarde, quando uma debulhadora trabalhava na eira do velho lavrador Januário da Silva, sogro do sr. Manuel da Rocha Neto, sucedeu incendiar-se, por qualquer circunstância, a palha que se achava em volta, resultando comunicar-se o fôgo a mais três mêdas, que foram totalmente destruidas.

Compareceram os bombeiros de Aveiro, chamados pelo telefone, os quais ainda prestaram bons serviços, mas à dedicação e esforços do povo da nossa terra se deve o não termos hoje a lamentar a destruição de alguns prédios, como esteve prestes a suceder.

Os prejuizos ainda foram avultados, não estando cobertos pelo seguro. É que o nosso lavrador ainda se não convenceu da sua utilidade, só se lembrando de Santa Barbara quando ouve ribombar o trovão...

A debulhadora ficou quási inutilizada.

—Finou-se, na terça-feira, com 72 anos, o abastado lavrador e proprietário, sr. Elias Marques Mostardinha, que entre nós gosava de muita respeitabilidade, sendo geralmente considerado.

Morte repentina, devido à sua doença, principalmente do coração, não exageramos dizendo que foi sentida por tôda a grande da freguesia, que ontem o acompanhou à última morada, formando grandioso cortejo.

A chave da urna era conduzida pelo sr. Francisco Valério Mostardinha, de Nariz, tocando durante o percurso para o cemitério uma marcha fúnebre, a música de Fermentelos.

O sr. Elias Mostardinha deixa viuva, sem filhos, e era tio dos srs. Manuel e José Márques Mostardinha, residentes, o primeiro em S. Bento e o segundo na Póvoa do Valado, e cunhado do sr. Manuel Ferreira Cunha, a quem expressamos as nossas condolências.

C.

Esgueira, 9

Realizou-se, domingo, a festa da comunhão das crianças, que constou de cerimónias do culto e procissão que percorreu as principais ruas da terra.

—Após dois meses de internamento no Hospital dessa cidade, onde foi operada, teve alta, a menina Conceição Bairreza, que se encontra em via de restabelecimento.

—Continua no mesmo estado a Fonte da Biquinha, o que causa bastante transtôrno às pessoas que ali iam abastecer-se de água, em virtude de ser a mais acessível.

De novo pedimos providências.

—Faz anos, no dia 16, o nosso amigo Manuel Marques da Loura, empregado na Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Antecipadamente o felicitamos.

C.

Eixo, 8

Acabamos de receber, com profundo pezar, a triste notícia de haver falecido em Lourenço Marques, onde, ha anos, se encontrava à frente duma importante casa comercial, o nosso presado amigo, sr. José António de Carvalho Júnior.

Embora o soubessemos algo doente de algum tempo a esta parte, todos esperavam que êle vencesse a crise e que dentro de poucos anos viesse à sua terra natal, por êle tão amada, assitir ao centenário de seu estimado pai, como desejava. Mas o destino não quiz e lá se vai, relativamente novo.

Bom filho, bom irmão e excelente chefe de família, o desaparecimento do sr. José António de Carvalho Júnior é muito sentido, não só por todos os seus como por quantos o conheciam, pois era dotado de grande bondade e afabilidade de trato.

Com grande magua lamentamos o desenlace, acompanhando a família na sua justificada dôr.

C.

NUMERAÇÃO DE PRÉDIOS

A êste respeito continua tudo na mesma, o que ocasiona sempre enganos e dificulta a entrega de correspondência aos domicílios, atazando-a. Até quando?

Carlos Camanho

Faleceu, em Lisboa, onde acidentalmente se encontrava, o acreditado comerciante da praça do Porto, que muitos anos nos forneceu papel estrangeiro e com quem mantivemos estreitas relações de amisade. Tinha já 77 anos, mas mostrava ser ainda vigoroso.

Sentimos.

Circo Ferrony

Continuam a ser muito apreciados os trabalhos desta Companhia, instalada no Rossio, e que na próxima terça-feira, em festa artistica, se despede do público aveirense.

O Circo Ferrony deve, dentro em breve, fazer a sua estreia na Murtosa.

Carta de Lisboa

Dez anos depois

Ocorreu há dias mais um aniversário, o 10.º, da chegada de Salazar à presidência do conselho. Olhando o caminho percorrido nestes dois escassos lustros, nós vemos que graças à acção providencial do insigne estadista, Portugal tem realizado uma das mais grandiosas obras de renovação moral, política e material que regista a nossa história.

Por isso, compreende-se perfeitamente que todo o país tenha celebrado a data de 5 de Julho com o maior e mais patriótico regozijo.

Prestigio nacional

Continua tendo ainda a maior repercussão nos principais orgãos da imprensa mundial, o notável discurso pronunciado recentemente pelo Presidente do Conselho.

E não se pense que só os dêste ou daquele país, que só os que connosco simpatizam ou nos querem afirmar o seu apreço e consideração, se referiram á admirável comunicação do Chefe do Govêrno português.

Ao lado dos jornais espanhois e brasileiros, aparecem os principais orgãos da imprensa inglêsa. E empareceirando com êstes elogios que nos dirigem, surgem os mais categorizados jornais alemães.

Concorrendo com os jornais italianos aparecem os jornais francêses. Ao lado dos suíços vêm os sul-americanos. Quer dizer: tôda a grande imprensa mundial não se dispensou de prestar a Salazar e ao nosso país, as homenagens e a justiça a que fizeram mercêdo jús as declarações do Chefe do Govêrno. No final, tudo conseqüências da grande autoridade moral que possue a acção de Salazar, fruto natural e compreensível do grande prestigio internacional de que gosa Portugal do Estado Novo de Salazar.

CORDEIRO GOMES

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos **Mercadores.**

Exames

Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra concluiu esta semana, com honrosas classificações, o 2.º ano de Filosofia Germânica o aplicado estudante Amílcar de Lima Gouveia, filho do nosso conterrâneo e amigo Manuel Gouveia.

As nossas felicitações.

Assembleia Geral

Realiza-se, segunda-feira, pelas 22 horas, no *Sport Club Beira-Mar*, devendo ser eleitos os novos corpos gerentes.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 12 de Julho de 1942 (ás 21,30 horas)

Passou uma mulher...

com Jean Gabin, Mireille Balin e René Lefévre

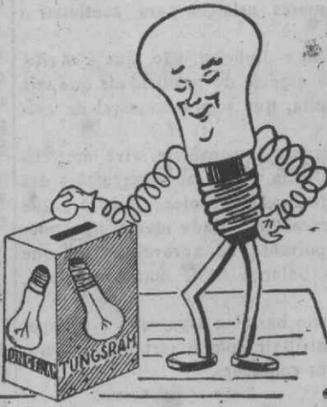
Quinta-feira, 16 (ás 21,30 horas)

Rapariga que promete e **Nadia**

BREVEMENTE:

Veneno dos Trópicos

e o documentário de flagrante actualidade

A Alemanha em Guerra

A economia, base da riqueza

Portugal, como certas nações, tem feito no programa "Estado Novo", uma larga obra social e económica que bem tem merecido reparos elogiosos por parte dos outros países.

Tanto no nosso caso como no do estrangeiro, é impossível tomar em consideração todos os dados estatísticos. Qualquer cifra ou número que se tome, representa sempre uma insofismável demonstração de êxito dos grandes chefes de Paz.

Ora a França, ora a Inglateraa, ora a Alemanha e agora, recentemente, a Irlanda, observam Portugal como um bom exemplo. Compete-nos a nós, pois, observarmos em contra partida essas outras nações. Vejamos, por exemplo, na Alemanha.

Em 1932 o rendimento do seu povo somou 45.175 milhões de RM., mas em 1938 ascendeu já a 79.722 milhões. Neste breve espaço de tempo, quási que dobrou. Os depósitos nas caixas económicas somaram em 1932 cêrca de 11 biliões de RM., mas em 1938 tinham subido para 18 biliões, soma esta, hoje em dia, largamente ultrapassada. Os prémios dos seguro de vida elevaram-se igualmente de 740 a 1.160 milhões de RM. Porque ali não existe hoje desemprêgo, muitas pessoas não compreendem como em 1932 só havia 12 1/2 milhões de empregados. Em 1938 o número de empregados subira já a 19 1/2 milhões. As transacções do comércio privado tiveram considerável influência na crescente prosperidade alcançada nestes 7 anos de reconstrução. Assim, as transacções de géneros alimentícios e produtos estimulantes, subiram de 10,5 biliões para 13,8 biliões de RM.; no sector dos tecidos e artigos de vestuário qaási dobraram, subindo de 5,9 para 10 biliões de RM.

Por outro lado, as viagens de férias que constituiam, antigamente, um privilégio das classes mais favorecidas, puderam ser possíveis mercê da organização social «Fôrça pela Alegria». Os caminhos de ferro do Reich, em 1932, transportaram 1.305 milhões de pessoas, mas em 1938 já registaram 1.976 milhões de passageiros. Nos mesmos anos, a cifra das mercadorias transportadas passou de 242 para 468 milhões de toneladas. A tonelagem de navios mercantes em construção nos estaleiros, no mesmo espaço de tempo, elevou-se de 50 mil a 461 mil toneladas. O número de bilhetes de cinema vendidos no ano de 1932-33, foi de 238,4 milhões; no ano de 1938-39, elevou-se a 441,6 milhões. O número de rádio-ouvintes, no mesmo período, subiu de 4 para 9,5 milhões. Como é natural, o desenvolvimento económico geral exprime-se, sobretudo, no número de casamentos e nascimentos. E assim, em 1932, casaram-se 516.793 pessoas, ao passo que em 1938 foram 645.062. O número de nascimentos no mesmo período subiu de 993.136 para 1 milhão e 248.534.

Todos êstes números são um pequeno extracto da vida da comunidade nacional, mas revelam quão poderosa é a obra de paz. Salazar orgulha-se de poder contar Portugal dentro da mesma obra.

C. R.

NECROLOGIA

Com 78 anos deixou de existir, no último sábado, Leopoldina de Oliveira Freitas, que fora casada com o hábil artista canteiro António de Freitas, também já falecido.

Era natural de Oliveira de Azemeis, deixou numerosa prole, e o seu cadáver foi a enterrar no cemitério novo com um grande acompanhamento.

A' família enlutada, sem excluir os filhos da extinta, Alfredo e Máximo de Freitas; os genros, Benjamim Fidalgo e Francisco de Matos Júnior, e o irmão, o antigo escrivão de Direito, sr. Manuel Cação Gaspar, as nossos condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Evaristo Migueis Picado, casado, de 40 anos, morador no bairro de Sá; em *S. Bernardo*, António Vieira dos Santos, solteiro, de 28, filho de João Vieira dos Santos, e na *Prêsa*, Maria de Jesus Dias, viuva, de 84.

Atenção para a 4.ª página

Agradecimento

João de Almeida e família, vêm por esta forma manifestar o seu reconhecimento ás pessôas que na doença de sua esposa, Aurea Saares de Almeida, se interessaram pelo seu estado e depois do desenlace a acompanharam à última morada.

Aveiro, 6 de Julho de 1942.

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 1 do próximo mês de Agosto, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, à Praça da República, e nos autos de acção de divisão de causa comum em que são requerentes José Joaquim da Silva e mulher Ana Luisa de Jesus, proprietários, do lugar e freguesia de Esgueira, desta dita comarca e são requeridos Júlia dos Santos Vigário, viuva, doméstica, da Avenida Central, desta cidade— Maria d'Ascenção Gilzans, que também usa o nome de Maria da Ascenção dos Santos, viuva, doméstica — Maria da Conceição Gilzans, doméstica, e marido Manuel de Oliveira Freire, ferroviário, êstes de Alfarelos, comarca de Soure—Rosa Gilzans, doméstica e marido, João Gonçalves Magalhães, comerciante, do dito lugar e freguesia de Esgueira — João Gilzans dos Santos, comerciante e mulher Libânia Martins Farto, doméstica—Júlia Gilzans dos Santos, solteira, maior, doméstica — Hermenegilda Gilzans dos Santos, doméstica e marido João Viana, ferroviário e Isabel Gilzans dos Santos, solteira, emancipada, doméstica, êstes também de Alfarelos, vão ser postos em praça, para serem arrematados por quem maior lanço oferecer, acima dos seus respectivos valores, abaixo indicados, os seguintes prédios:

Uma casa de dois pavimentos, quintal e pertenças, sita em Esgueira, na Travessa Sara de Matos, inscrita na Conservatória desta comarca sob parte do n.º 1395 e inscrita na matriz predial urbana respectiva sob o art.º 47 com o valor de 33.480$00;

E uma casa de dois pavimentos, pátio e pertenças, em Esgueira, na Rua 5 de Outubro, inscrita na dita conservatória sob o art.º 6.695 e inscrita na matriz predial urbana respectiva sob o art.º 68, com o valor de 14.080$00.

Aveiro, 6 de Julho de 1942.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção 2.ª Vara

António Augusto dos Santos Victor

O sentido do desporte

«E' possível que aqui e acolá haja quem se admire de que o nosso desporto a-pesar-da guerra continue ainda e que nem sequer haja algum sinal de que vai terminar. Os que se admiram desta persistência, julgam os assuntos desportivos segundo a opinião pública geral. Não pensam que o que o público vê, não é senão uma parte do desporto, parte que de maneira alguma influencia a formação do carácter daquele que o pratica. Realmente, antes que as suas grandes provas sejam visíveis, já houve uma sucessão de factos à porta fechada: a vida nos clubs desportivos. Esta actividade clubista não foi interrompida pela guerra a-pesar-da enorme falta de professores de desporto e de monitores; eis uma obra de que me orgulho, sobretudo quando tudo isto se desenrola durante os grandes acontecimentos do momento. Pelo contrário; a guerra que é a grande prova de tudo, é que veio despertar e impulsionar estas fôrças. Se o nosso desporto conseguir conservar-se até ao fim da guerra, a semente que já foi deitada à terra será colhida nos territórios, e então ter-se-à cumprido uma missão cujo valor para o futuro ainda não pode ser bem avaliada. Com as poucas fôrças que nos ficaram conseguimos o nosso fim até hoje e espero que os meus colaboradores, tanto das cidades como da província, não se cansarão e continuem esta obra sem fadiga» — assim disse Hans vonTschammer und Osten, chefe do desporto na Alemanha.

«Não é devido ao acaso—continuou — que do meu trabalho duas partes se desenvolveram especialmente: a ginástica infantil e a ginástica feminina. Todos os projectos que antes da guerra eram estudados cuidadosamente e que amadureciam para uma acção futura, tomaram um desenvolvimento rapidíssimo durante ela. O desporto não é nada em si; tem uma parte valiosa na vida do nosso povo. Por isso, também o desporto não podia deixar de ser chamado pela guerra, muito menos agora. Se quizessemos muitas vezes executar grandes empreendimentos com mais de cem mil espectadores, só poderiam realizar-se, evidentemente, sob a protecção do Wehrmacht, com quem estamos muito mais ligados do que apenas por um conhecimento. Se presentemente êstes grandes empreendimentos saíssem sob a forma duma realização desportiva para uma demonstração da nossa confiança e da nossa fôrça inquebrável, então ser-nos-ia dada a prova daquilo que imaginávamos: que o mundo desportivo tem o seu sentido mesmo nos tempos mais movimentados. O nosso desporto vive no povo, nas grandes e pequenas sociedades desportivas, vive no desporto internacional, vive no soldado que devido ao seu treino desportivo não se fatigará, conservando a sua forma também nos dias e horas mais turbulentas».

Entre nós, também, a causa desportiva tem merecido a melhor das nossas atenções. O nosso jornal tem acolhido e continuará a acolher tôdas as boas sugestões para que o desporto português enfileire com o dos outros países. Porque disse muito bem aquêle Chefe do desporto, terminando a sua opinião:

«Se eu digo isto sôbre o desporto é porque sei a felicidade e o prazer que êle dá constantemente àqueles que se lhe dedicam.»

DIAS DA COSTA

Visitai o Parque da Cidade

Biografias contemporâneas

O nome do general Rommel suscita actualmente, ao ser pronunciado, um sentimento de curiosidade. Temperado nas batalhas da primeira guerra mundial (1914-18), na qual tomou parte como jóvem oficial, hoje em dia é o primeiro condutor de tropas. Com excepção da aviação, constitui ainda um caso muitíssimo raro ser um primeiro tenente distinguido com a *Pour-le-merite.*

Rommel fez a guerra desde Agosto de 1914. Foi gravemente ferido na Argone, mas regressou, pouco tempo depois, à frente. Foi o primeiro tenente do Regimento que recebeu a Cruz de Ferro de 1.ª classe e no Outono de 1915 foi transferido para o Batalhão de Montanha, então criado. Depois, com os seus soldados, combateu nos Vosges e contra os romenos.

Rommel demonstrava especiais qualidades de comando, as quais se afirmaram na 12.ª batalha de Isonzo. O seu grupo tomou de assalto, após uma hábil manobra de envolvimento, no dia 24 de Outubro de 1917, com perdas mínimas, a encosta de Kolovrat. Com êste feito, abriu o caminho ao 14.º exército. E por ocasião da ofensiva no vale do Piave, perto de Longrarone, barrou o caminho a uma divisão italiana; recebeu, por isso, a *Pour le merite.*

Depois da guerra foi professor na Escola de Infantaria em Dresden, comandante dos Caçadores de Goslar, chefe de um curso em Potsdam. Em 1937 foi Rommel nomeado oficial de ligação do exército, junto do chefe da Juventude Alemã. O coronel Rommel organizou, seguidamente, a Escola de Guerra em Wiener-Neustadt, depois passou a comandante do Quartel-General do Fuhrer e desempenhou êste pôsto, cheio de responsabilidade, durante as operações de libertação do país dos Sudetas e também durante a Campanha da Polónia, em 1939. Mas em Fevereiro de 1940, o major-general Rommel foi nomeado comandante de uma Divisão couraçada.

Na Campanha da França, a Divisão de Rommel ficou conhecida pelo nome de *divisão fantasma.* Foi esta Divisão que abriu caminho às tropas alemãs desde o Mosa a Bordeus. Em Março de 1941 subiu ao pôsto de tenente-general, sendo nomeado Comandante em chefe do Corpo Expedicionário alemão no Norte de África. E em recompensa dos seus grandes serviços, foi promovido, ùltimamente, pelo Fuhrer ao pôsto de coronel-general em 30 de Janeiro de 1942.

R.

Câmara Municipal de Aveiro

Venda de sucata

Até às 13 horas do dia 16 do próximo mês de Julho recebem-se propostas em carta fechada para a compra de sucata apartada nos Armazéns Gerais desta Câmara e que consta de: tubos Manesmamm, ferro forjado, ferro fundido, metais, uma carrosseria em ferro própria para condução de lixo, um portão de ferro, pneus e câmaras de ar para automóveis, jornais e ainda de um arreio para garrano.

Ver condições todos os dias úteis na Secretaria desta Câmara.

Aveiro e Paços do Concelho, 26 de Junho de 1942.

O PRESIDENTE DA CAMARA,
Francisco António Soares

Apontamentos

OS 12 PONTOS BOLCHEVISTAS

Nunca o Mundo poderá acarinhar a *política* que destruiu por completo os sagrados princípios da Família. E' por isso que, contra essa política que a U. S. pretendeu *estabelecer na Europa*, alguns chefes, como Salazar, erguem o seu alerta para que ninguém feche os olhos ao miserável presente soviético. As lições colhidas, ainda agora, nessa luta que os alemãis sustentam no Leste, são ensinamentos mais preciosos do que se fossem colhidos numa Escola Superior de Política. Um correspondente de guerra — o Dr. Zuiring — escreve episódios da vida de Leste durante a campanha, que mostram bem «o que são os bolchevistas...». Já um cabo alemão, esescrevendo a sua opinião sôbre a U. S., diz algo, que pode traduzir-se assim: — os 12 pontos bolchevistas: — 1.º Na Rússia não há igrejas. As antigas foram abandonadas para servirem de currais, celeiros, clubs, etc. 2.º Ninguém neste país tem um palmo de terra. 3.º Todos os estabelecimentos — e não há muitos — pertencem ao estado. 4.º Os habitantes vivem juntos nos edifícios que foram construidos em 1913, pois o Estado não acha a construção como coisa preciosa. 5.º Quási todos os pontos dirigentes — nas aldeias e pequenas cidades—são ocupados por judeus. 6.º Em muitas aldeias vive se em verdadeira bastardia.— 7.º A alimentação é precária e as crianças são quem mais sofre.—8.º Os russos não conseguem alcançar a vèlhice por falta de alimentação e o eterno mêdo da G. P. U. — 9.º O novo proletário «não é nenhuma inteligência no sentido europeu.—10.º A agitação soviética na Escola deve ter sido muito zelosa, pois deitou fora todo o antigo material e dando o novo em grandes quantidades—por interêsse, certamente...—11.º Os habitantes na aldeia vivem em verdadeira desünião, são duros e egoistas. Semear a discórdia é um dos muitos meios empregados pelo bolchevismo. — 12.º O completo desamparo geral dêste país. Um pobre protegido pela Assistência na Alemanha ou em qualquer outra nação, vive como um Cresus em comparação com os «mais ricos» camponeses do Kolchos. E é assim a vida, no «paraíso bolchevista...».

A EUROPA E O TEATRO ALEMÃO

Em competência pacífica com os teatros de todos os países europeus, o teatro alemão alcançou, de facto, um pôsto firme, não tanto pela representação de autores alemãis nas grandes cênas da França, da Suécia, dos países balcânicos e outros, como por visitas de grupos artísticos germânicos. Sabe-se que numerosas capitais europeias tiveram teatros permanentes alemãis e têm ainda hoje. A Europa não só estima o teatro alemão, o nível das suas interpretações, como estima os actores e os «mettaurs en scène». A guerra actual apenas veio interromper esta realidade. E' que, não obstante a gravidade da hora presente, o teatro do continente recomeça a florescer. Assim, o teatro europeu regressou à sua missão original, ao mesmo tempo abrindo caminho ao teatro alemão. Todavia há que esclarecer certas dúvidas que se situam nas fronteiras da arte, da cultura e da política. Quando uma companhia teatral visita o estrangeiro, vai, não como instrumento político, mas como embaixada amiga, desejosa de mostrar a maneira de ser, o génio e a sensibilidade do seu país. As melhores obras antigas e modernas do espírito alemão, conhecidas e representadas com agrado em todo o mundo, são oferecidas às plateias cultas pelos actores mais dotados, para servir de traço de união entre os povos e concorrer para o enriquecimento do património comum da Europa, da Humanidade. A verdadeira arte não é egoista e recusa-se a servir de meio para quaisquer fim, que não seja nobre. E' evidente que no caso em aprêço, os actores não pretendem transformar em doutrinas a literatura clássica e moderna alemã — se a companhia é alemã. Assim, em unidade e camaradagem de trabalho, artistas teatrais alemãis percorrem os países da Europa, no cumprimento do seu papel de oferecer aos povos o que de melhor possui o teatro alemão, embora a guerra limite esta actividade, dada a falta de transportes que se tornam necessários para transportar a aparelhagem técnica duma grande companhia.

S.

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 11 do próximo mês de Julho, por 13 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra os executados menores Eduardo Rangel Barbosa e Maria da Conceição Rangel Barbosa, representados por sua mãe Maria de Jesus Rangel Barbosa, viuva, todos da Forca, se ha-de proceder à arrematação em hasta pública e em segunda praça, a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima do valor em que vai à praça, do seguinte:

O direito e acção a seis décimas partes do prédio sito na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, Rua José Estêvão, que se compõe de uma casa de dois pavimentos que parte do norte com os filhos menores de Elias Simões Instrumento, descrita na Conservatória desta cidade sob o n.º 28.126 e vão à praça pelo valor de 6.834$00.

Aveiro 29 de Junho de 1942.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrello Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção,
Júlio Homem de Carvalho Cristo